

# O ASSALTO AOS BANCÁRIOS

Há cerca de um ano que a troika portuguesa (PS, PSD e CDS) assinou com a troika estrangeira (FMI, BCE e UE) um **pacto de agressão** impondo um conjunto de sacrifícios aos trabalhadores e ao povo, não resolvendo os problemas económicos do país, incluindo os problemas que diziam querer resolver, nomeadamente reduzir o deficit e diminuir a dívida pública.

Durante este período os banqueiros beneficiaram da maior parte da chamada “ajuda” internacional, 12 mil milhões para recapitalização da banca e mais 32 mil milhões para avales bancários. São milhões de euros de dinheiros públicos recebidos por via dos sacrifícios que, a pretexto da crise, têm sido impostos aos portugueses. Tudo isto enquanto a banca tornou o acesso ao crédito mais difícil, às pequenas e médias empresas, assim como às famílias.

Neste período, a pretexto da crise de que os banqueiros são os primeiros responsáveis, foram fechados dezenas de balcões e reduzidos centenas de postos de trabalho, estando anunciados novos encerramentos e a redução de centenas de postos de trabalho, como foi já anunciado no Banif, BPI, BCP e outros.

Em finais de Junho, os banqueiros decidiram “premiar” os trabalhadores bancários tomando a iniciativa de propor uma revisão da convenção coletiva com a sua caducidade, na qual, como informaram, pretendem eliminar as carreiras profissionais, as promoções obrigatórias e por mérito, as diuturnidades, os prémios de antiguidade, as indexações salariais, ou seja, direitos fundamentais nas relações laborais que os bancários conquistaram ao longo de gerações sucessivas.

**Tais decisões não são uma inevitabilidade! A luta dos bancários pode fazer recuar os banqueiros.**

Os sindicatos da UGT, prossequindo o rumo de traição e cedência aos banqueiros, não dão garantias de lutarem e defenderem os direitos dos trabalhadores bancários. Com uma resposta mole e superficial à proposta da APB, enchendo o peito de ar que se esvazia depois ao ceder no essencial, preparam-se para entregar mais direitos dos bancários e para tornar o trabalho na banca ainda mais barato e indigno.

Como se não bastasse a conivência com o ingresso dos bancários na segurança social sem salvaguarda dos direitos contratualmente conquistados, os sindicatos da UGT são também responsáveis pela maior traição aos direitos e remunerações de todos os trabalhadores, com a assinatura, do acordo de concertação social que deu origem às recentes alterações do Código de Trabalho, com graves e imediatas consequências para os bancários, designadamente com a diminuição do valor das horas extra e das isenções de horário, a facilitação e embaratecimento dos despedimentos, a entrega gratuita aos patrões de quatro feriados, entre outros.

Sem mostrarem qualquer laivo de vergonha e de dignidade, estão agora a tentar mostrar-se contra a aplicação do Código de Trabalho, ainda que sem desenvolverem lutas verdadeiramente eficazes.

Conforme afirmam os sindicatos da CGTP-IN, as convenções colectivas foram livremente negociadas e, por isso, o Código de Trabalho, não se podendo sobrepor a essas convenções, é ilegítimo e inconstitucional.

Alguns bancos, mostrando não serem “pessoas de bem”, estão já a implementar as alterações ao Código de Trabalho em violação do ACT, nomeadamente no que respeita ao trabalho extraordinário.

Os trabalhadores bancários devem lutar e resistir contra esta ofensiva. Não há nenhuma lei que obrigue a entidade patronal a reduzir as remunerações, a aumentar o horário de trabalho, a diminuir o pagamento das horas extraordinárias. Os bancários devem apoiar as suas Comissões de Trabalhadores e as organizações sindicais não comprometidas com a UGT, nomeadamente o STEC na CGD e o SINTAF na restante banca.

O PCP, no quadro duma política patriótica e de esquerda, defende o regresso do sector financeiro à gestão e propriedade pública, medida estratégica para a defesa dos interesses nacionais e do desenvolvimento económico e social sustentado do país.

O PCP continuará a manifestar o seu apoio e solidariedade à luta dos trabalhadores bancários, no contexto da luta mais geral contra o pacto de agressão e de rotura com o actual rumo político.

Porto, Agosto de 2012



*O Organismo de Direção dos Bancários Comunistas do Porto*